

Viajar é preciso

ESTADO DE SÃO PAULO



É mais do que lógico que FH, um estadista, mostre a nova cara do País no Exterior

A propósito da última viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso ao Exterior, li, depois que regressou, alguns comentários e críticas sobre suas constantes saídas do País.

Creio que essas críticas estejam centradas em três aspectos específicos:

- Frequência e necessidade das viagens;
- Custo para o País;
- Vazio de poder quando o presidente se ausenta.

Vamos comentar, ainda que resumidamente, esses aspectos.

Em primeiro lugar, não acho que o nosso presidente viaje muito ou pouco. Acho que ele tem se ausentado do País na medida exata! Com a globalização das economias e a necessidade de aumentar o intercâmbio comercial, é necessário que nosso presidente tenha maior presença no Exterior! Lembro ainda que nosso maior estadista tem como função fundamental nossa representação no Exterior e que ele a desempenha com grande competência. Não nos esqueçamos também de que nosso país teve dois presidentes interinos que completavam o mandato do presidente eleito (Sarney e Itamar) e, portanto, é mais do que lógico que Fernando Henrique Cardoso mostre a nova cara do País no Exterior, principalmente depois do su-

cesso do Plano Real. O Mercosul trouxe também a necessidade de contatos muito mais freqüentes com nossos parceiros.

Só mencionando o caso da China, vale lembrar que, nas últimas semanas, cinco chefes de Estado estiveram visitando aquele país, entre eles Helmut Kohl, Fidel Castro e o presidente da Ucrânia.

O Brasil e a China têm muitos pontos em comum, são, realmente, duas nações

em mudança de escala e têm muito a conversar para, inclusive, aumentar seu volume de comércio e investimentos.

Outra visão deturpada é a de que o presidente faz *turismo* quando viaja. Essa é realmente uma visão totalmente equivocada e distante da realidade do estadista Fernando Henrique Cardoso (um cidadão do mundo). Ao contrário, as viagens oficiais são fortemente inibidoras da capacidade de o presidente poder se movimentar, ficando restrito a um rígido esquema de segurança e protocolos que não lhe dão nenhuma liberdade de circular livremente.

Portanto, se, de um lado, o presidente tem toda a cobertura de um visitante ilustre quando sai do Brasil, de outro, sua circulação é totalmente controlada, até mesmo em visitas a museus, monumentos, etc., até com toda a im-

prensa acompanhando-o em todos os momentos, sempre em busca de algo diferente.

Quanto à questão de custos, não dá para argumentar que o presidente deveria viajar na classe econômica de um avião de carreira, pois até mesmo sua segurança estaria comprometida. Convém não esquecer que existem constrangimentos internos que o obrigam a usar o Boeing 707 da FAB, equipamento totalmente superado, e não linhas regulares, que, em alguns casos, seriam até mais confortáveis e econômicas.

Os empresários que eventualmente fazem parte da comitiva presidencial não são convidados a viajar no avião presidencial, e sim em avião de carreira, e cobrem, como é óbvio, todas as suas despesas de locomoção e estadia.

Portanto, não creio que os custos sejam desproporcionais à importância do cargo e à relevância do nosso país no contexto internacional.

A relação custo/benefício é incriivelmente favorável.

Creio que os horizontes que se abrem depois dessas viagens, não só para a comitiva oficial como também para os empresários, as possibilidades de constatar o ambiente de mudança por que passa o mundo e as oportunidades de comércio e investimento mais do que justificam as viagens presidenciais.

Quanto à questão do vazio que se instala em Brasília quando viaja o presidente, quase sempre acompanhado de minicrises, na maior parte dos casos perfeita-

mente superáveis, é fortemente indicativa da carência de uma estrutura de poder que prescindida em tempo integral do presidente da República. A culpa não é do presidente, e sim do alto grau de dependência do nosso sistema em relação à Presidência da República!

Como tenho comentado, no caso presente, Fernando Henrique Cardoso exerceria simultaneamente, numa estrutura corporativa, o cargo que seria de presidente do Conselho de Administração, presidente da diretoria e principal executivo operativo, o que, convenhamos, é demais para uma só pessoa, por mais disposta e competente que possa ser.

Portanto, vamos olhar para frente, e não para trás? Temos um vício de gastar muito tempo remexendo no baú do passado e não encarar o futuro!

Impressiona-me, quando viajo, que em geral todos os países estão olhando para a frente e dispostos a enfrentar os desafios que terão de ser vencidos. Aqui, gastamos um tempo enorme remexendo o passado, e, o que é pior, não tomando providências necessárias.

Creio, assim, que não deveríamos constranger o nosso presidente com críticas incoerentes e provincianas sobre suas viagens ao Exterior. Viaje, presidente, o que julgar conveniente para o bem e a felicidade da Nação.

■ Roberto Teixeira da Costa é presidente da Brasilpar e do Capítulo Brasileiro do Conselho de Empresários da América Latina (Ceal)